



HOTEL MEKONG

61 min., 2012, Tailândia/Reino Unido, Digital

Um filme de Apichatpong Weerasethakul

No nordeste da Tailândia, às margens do rio Mekong, que marca a fronteira com o Laos, está o Hotel Mekong. Apichatpong Weerasethakul ocupa seus quartos e varandas para ensaiar *Ecstasy Garden*, um filme que escreveu anos atrás. Neste espaço, recria uma narrativa que embaralha diversos níveis de realidade, fato e ficção, para explorar os vínculos possíveis entre uma mãe vampira e sua filha, jovens amantes e o rio Mekong que flui como o som da música de Chai Bhatana. Filmado em meio a grandes inundações que afetaram esta região em 2011, Weerasethakul entrelaça diferentes camadas de sentido: destruição, política e sonhos à deriva do futuro.

Direção: Apichatpong Weerasethakul **Elenco:** Jenjira Pongpas, Maiyatan Techaparn, Sakda Kaewbuadee, Chai Bhatana, Chatchai Suban, Apichatpong Weerasethakul

Roteiro: Apichatpong Weerasethakul

Produção Executiva: Simon Field e Keith Griffiths/Illuminations Films

Diretor de Fotografia: Apichatpong Weerasethakul

Edição: Apichatpong Weerasethakul

Música: Chai Bhatana

Título Original: Mekong Hotel

Duração: 61 min.

Ano: 2012

entrevista **Apichatpong Weerasethakul**



Você poderia dizer algo sobre o processo de criação de *Hotel Mekong*?

Jenjira, minha atriz, é da cidade de Nong Khai. Nos últimos anos, ela voltou para sua casa natal para se recuperar de um acidente de moto que lesionou uma de suas pernas. Fiz-lhe algumas visitas, em sua casa, não muito longe do rio Mekong. Algumas vezes, o local ficava extremamente alagado, em outras, bastante seco. O rio está vivo e se comunica. Comecei fazendo fotos e vídeos do lugar onde ela morava, à margem do rio. Durante minhas visitas, hospedei-me em vários hotéis. Então, sonhei com um filme sobre uma casa, um lugar temporário ou uma zona de conforto, que nos abrigava, e com o rio que produz música.

Conte-nos um pouco sobre a música que você escolheu e que perpassa todo o filme de uma maneira muito particular. Isso é bastante incomum em seus filmes. Quem é o guitarrista?

Queria tentar fazer algo diferente do que estava acostumado. Imaginava uma música que fluísse como a água. Algo eterno, mas sempre em transformação e com pequenas variações. O guitarrista é um amigo do colégio, que eu havia reencontrado recentemente. Descobri que ele estava ensinando violão clássico e que, ocasionalmente, tocava em bares. Tínhamos muitos assuntos para colocar em dia. Trabalhar com ele e apresentar seu processo de criação no próprio filme foi como estabelecer um diálogo com um amigo com quem partilhei muitas coisas, quando éramos jovens, no nordeste da Tailândia.

O rio Mekong, no nordeste da Tailândia (onde também foram filmados *Primitive* e *Uncle Boonmee*) marca a fronteira entre esse país e o Laos. Há uma referência à relação entre essas duas nações em seu último filme, pois o “cuidador” de *Uncle Boonmee* é proveniente do Laos. O que você tem a dizer sobre esse local?

O lugar onde filmamos *Hotel Mekong* é uma cidade de fronteira entre a Tailândia

e o Laos. Com a invasão do comunismo, ambos os países passaram por grandes mudanças nos anos 1960 e 1970. As pessoas antes podiam circular facilmente entre os dois locais, porém, depois da guerra civil, o Laos se tornou um país misterioso e semi-isolado. O rio Mekong não é mais uma ponte, mas, sim, uma barreira. Acredito que por causa desse isolamento e do nacionalismo retrógrado dos tailandeses, aumentou bastante, tanto na mídia quanto no interior da própria Tailândia, o preconceito contra as pessoas do Laos.

Você pode nos falar um pouco mais sobre *Ecstasy Garden*, cujas cenas são ensaiadas em *Hotel Mekong*. É um projeto abandonado?

Trata-se de um dos meus projetos proibitivamente caros, elaborado em 2002. De vez em quando, Namphom, a filha de Jenjira que vive em Bangkok, faz uma visita à mãe. A imagem das duas mulheres juntas me lembrou uma história chamada *Ecstasy Garden*, que acompanha o relacionamento mãe-filha por vários séculos. Nessa história, a mãe é uma espécie de vampira de outro planeta que vive no nordeste da Tailândia e sua filha está apaixonada por um adolescente, cuja família possui uma plantação de bananas. A filha não percebe que a mãe é um fantasma semelhante a um vampiro: ela come carne crua de animais e seres humanos. Ela mata e come sua própria filha, enquanto a mesma está vivendo o auge de seu romance. Em seguida, o espírito alienígena da mãe é mantido em um recipiente de barro debaixo da água. O espírito da filha, por sua vez, continua a seguir seu homem em suas várias reencarnações, por diversos países. Durante todo o tempo, mãe e filha se comunicam telepaticamente.

***Ecstasy Garden* parece ser uma história de fantasmas diretamente relacionada à tradição narrativa do gênero do terror e dos fantasmas do cinema tailandês. O que é um fantasma Pob?**

O Pob é um famoso fantasma do nordeste da Tailândia. O homem ou mulher que for “infectado” ou “possuído” por seu espírito torna-se ávido por carne e sangue e fica vagando pelos vilarejos, durante a noite, para devorar o gado dos vizinhos. Eu cresci com tal crença, ouvindo que essa ou aquela pessoa era um Pob. Há vários filmes sobre fantasmas que popularizaram a figura do Pob como uma mulher de meia-idade.

A sinopse de *Hotel Mekong* menciona o embaralhamento de “reinos diferentes”. Em se tratando de níveis de “realidade,” essa parecer ser uma característica bastante comum em muitos de seus trabalhos, porém, aqui, você também fala de “fato e ficção” e cria um filme que se move constantemente entre esses dois pólos.

Acho que quando digo “fato,” estou, na verdade, fingindo que se trata de realidade. Mas, nos filmes, a realidade não existe. Estamos apenas tentando capturar certos momentos e reconstruí-los para simular nosso ponto de vista, nosso entendimento. Este filme tem consciência da existência dessas camadas e desses níveis de distorção. Sendo assim, acho que ele pode ser considerado um “documentário” no sentido clássico do termo. Trata-se de uma profunda meditação sobre a criação de uma ficção.

***Primitive Project*, também rodado no nordeste da Tailândia, tocou em questões políticas e na “história oculta” da província de Nabua e Isan. O mesmo aconteceu com *Hotel Mekong*, particularmente durante os diálogos do filme e as lembranças de Jenjira.**

A história de Jenjira é estranha para mim. Sempre a vi com seu kit de crochê. É difícil

imaginá-la segurando um rifle M-16, pronta para matar. Quando trabalhava em *Primitive Project* e ouvia esse tipo de narrativa, senti a necessidade de me familiarizar mais com a Tailândia. Ainda hoje, o sistema de educação do país é, em alguns casos, baseado no processo de lavagem cerebral. Pode-se dizer, então, que o filme apresenta uma proposta de auto-reeducação. Ou seja, quando você compreende que muitas pessoas lutaram e morreram nas ruas do país, tudo fica menos estranho. Você percebe que o país está em colapso, mas você não pode partir por causa das inúmeras memórias e prazeres que ele te proporciona.

Frequentemente, os diálogos do filme abordam o fato de que você estava filmando no momento das inundações na Tailândia.

Sim. Quando não estávamos filmando, costumávamos ligar para casa e checar o noticiário. Obviamente, só falávamos sobre água. Eu ficava um pouco irritado porque o governo tentava a todo o custo salvar Bangkok, essa era sua prioridade, quando, na verdade, os habitantes de lá tinham muito mais recursos e condições de se defender do que os outros. Os moradores das cidades menores, perto do Mekong, têm sofrido com as inundações periodicamente. Eles recebem menos apoio e não se queixam muito. Além disso, a construção da barragem hidrelétrica do Laos, chamada Xayaburi, é, com certeza, alarmante. Essa política é pura ganância. Construir barragens é fácil e traz dinheiro fácil. Nós somos muito ignorantes sobre as opções alternativas de geração de energia. Estamos muito acostumados com o concreto e com os mimos fornecidos por ele.

***Hotel Mekong* é a primeira parte de um projeto Mekong muito mais substancial, que incluirá seu próximo filme?**

Espero que sim e espero também que ele não se transforme em um daqueles projetos incrivelmente caros! Podemos ser modestos e utilizar apenas um hotel para as filmagens. É muito conveniente ter uma cama no set. *Hotel Mekong* foi comissionado pelo programa La Lucarne, da ARTE France. Editado por Luciano Rigolini, recentes documentários do La Lucarne incluem trabalhos de Alexander Sokurov, Alain Cavalier, Naomi Kawase, Stephen Dwoskin, Ben Rivers, Ben Russell e muitos outros.



festivais e prêmios (2012)

\Festival de Cannes (Exibição Especial)
\Chicago International Film Festival
\New York Film Festival
\London Film Festival
\Vancouver International Film Festival
\CPH:DOX
\Doclisboa
\Vancouver International Film Festival
\Locarno Film Festival

Apichatpong Weerasethakul é considerado uma das vozes mais originais do cinema atual. Seus cinco filmes, curtas-metragens e instalações lhe renderam reconhecimento internacional e numerosos prêmios em festivais de todo o mundo. Com o filme *Tio Boonmee, que Pode Recordar Suas Vidas Passadas*, Weerasethakul ganhou a Palma de Ouro em Cannes em 2010. Seu trabalho anterior *Síndromes e um Século* (2006) foi eleito, no final de 2009, por mais de 60 curadores, historiadores de cinema, arquivistas e programadores como o melhor filme da década numa votação organizada pelo TIFF (Toronto International Film Festival) Cinematheque.

Weerasethakul começou a fazer filmes e vídeos de curta-metragem em 1994 e completou o seu primeiro longa em 2000. Suas obras não-lineares, líricas e, muitas vezes, fascinantemente misteriosas lidam com a memória e invocam, de maneira sutil, questões sociais e de política pessoal. Trabalhando de forma autônoma, ele se dedica a promover o cinema experimental e independente por meio de sua produtora, fundada em 1999: Kick the Machine Films.

Weerasethakul tem realizado, também, desde 1998, exposições e instalações em diversos países. Suas instalações incluem o projeto em telas múltiplas, intitulado *Primitive* (2009). Além de fazer parte de coleções de vários museus importantes, esse projeto foi apresentado em diversos locais, tais como: a Haus der Kunst de Munique, o Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris e o New Museum de Nova York. Em 2012, apresentou uma instalação na Documenta de Kassel. Seus projetos mais recentes incluem filmes online para o Mubi (*Ashes*, 2012) e para o Walker Art Center dos Estados Unidos (*Wonders of the World*, 2012).